

LA ARAUCANA, DE ALONSO DE ERCILLA (1533-1594), POR VOLTAIRE

Ricardo Hirouyuki Shibata

La Araucana, de Don Alonso de Ercilla (1533-1594), é uma obra pouco conhecida entre o público-leitor contemporâneo em língua espanhola. E mesmo entre os hispanistas, a fortuna crítica deste épico renascentista castelhano é escassa. Mas, nem sempre foi assim. Quando foi originalmente publicado, em Madrid, em três partes, nos anos de 1569, 1578 e 1589, fez enorme sucesso. Sua relevância para o cânone literário é comprovada pelas elogiosas palavras que lhe dedicou Miguel de Cervantes, em seu *Dom Quijote de la Mancha*.

No capítulo VI, da Primeira Parte, dentre as poucas obras que mereceriam ser preservadas da fogueira e do esquecimento, Cervantes deixa claro que *La Araucana* é um dos melhores poemas “en verso heróico”, escrito em castelhano. Esta obra de Ercilla estava ao lado de outras de mesmo caráter heroico, inventivo e inaugural, como o *Amadis de Gaula*, de Garcí Rodríguez de Montalvo; o *Palmerín de Inglaterra*, de Francisco de Moraes (supostamente atribuído ao rei português D. João II ou a seu filho, D. João III); e *Tirant el Blanc*, de Joanor Martorell (CERVANTES, 2004, p.60s). Cervantes, certamente influenciado por Ercilla, escreveu a peça teatral *La Numancia*, uma tragédia que narra a resistência do povo numantino contra o imperialismo romano. O tema central é a luta de um povo que se não se rende mesmo face a um inimigo muito mais poderoso, de modo semelhante aos araucanos do Chile contra a dominação espanhola (ECHEVERRIA, 1986).

Até o século XVIII, *La Araucana* circulava, no mais das vezes, na Península Ibérica, mas sua fama acabou chegando aos letrados franceses da corte parisiense. Foi, justamente, neste momento, que o filósofo Jean-Marie Arouet (Voltaire) dedicou à obra um capítulo inteiro de seu incontornável *Ensaio sobre o poema épico* (VOLTAIRE, 1819, p.231).

Os traços biográficos que Voltaire apresenta de Alonso Ercilla quadram perfeitamente com as regras da prosopografia iluminista, subdivisão do gênero demonstrativo do discurso. Em que pese a fidelidade histórica, o interesse de Voltaire é estabelecer conexões íntimas e frequentemente insuspeitadas entre os mais famosos e diversos escritores de matéria épica. É dessa forma que o percurso de vida de alguns escritores memoráveis se assemelha à certa lógica presente na história, que Voltaire cuidadosamente desenvolveu em uma de suas mais famosas obras de historiografia – *O século de Luís XIV*. Para o gênero épico, Voltaire destaca que *La Araucana*, de Ercilla, brilha por suas belezas particulares, pela singularidade do tema e, de modo mais notável, pela personalidade do autor (aquela questão do “gênio” que Voltaire destaca em outros épicos que ele analisa em seu ensaio) (BRANDÃO, 2014; VOLTAIRE, 2012).

Voltaire inicia o breve relato biográfico de Alonso de Ercilla com os serviços prestados ao rei espanhol Felipe II na vitoriosa batalha de Saint-

Quentin frente aos exércitos franceses. Se Felipe II preocupou-se com os negócios internos de seu Reino, Ercilla tomou caminho oposto. Por conta de sua juventude e a enorme vontade de conhecimento, visitou a França, Itália, Alemanha e Inglaterra. Ali, em Londres, resolveu alistar-se nas hostes espanholas que iriam combater a rebelião dos povos indígenas nas possessões do Peru e Chile. Isto se deveu, sobretudo, como Voltaire insiste, à sua curiosidade de ver o mundo (o espírito de aventura) e também pela demanda nobiliárquica de aumentar a honra e o renome, em que contribuía a realização de feitos dignos de memória (VOLTAIRE, 1819, p.232). Ercilla, então, se parece com algum dos personagens romanescos de Daniel Defoe, que se metem mundo afora pela simples satisfação da curiosidade e aventura.

No sul do Chile, liderou um pequeno exército que combateu o povo araucano, que, segundo Voltaire, era uma raça de homens mais robusta e feroz de todos os povos da América. E justamente por isso foram os últimos povos a serem subjulgados pela Coroa espanhola. A partir do ponto de vista da ironia voltairiana, a recompensa por tão grande esforço foi a conquista de algumas rochas e a conversão ao catolicismo de alguns nativos incultos. De qualquer forma, foi, neste contexto belicoso, que Ercilla escreveu o seu poema épico para imortalizar os seus próprios feitos e destacar a grandeza de seus inimigos. "Ele foi, ao mesmo tempo, conquistador e poeta", diz Voltaire (VOLTAIRE, 1819, p.232). Ou, em termos epocais mais estritos, em perfeito acordo com as coordenadas nobiliárquicas e letradas do período, Ercilla conseguiu aliar, de modo satisfatório, as armas (a habilidade guerreira) e as letras (a erudição e a prática literária).

Em linhas gerais, trata-se estrategicamente de conceitos de caráter histórico que se encontram em *O século de Luís XIV*, que, longe de ser uma narrativa factual sobre os feitos e acontecimentos do tão conhecido reinado do Rei Sol, portanto fundada na concepção positivista da racionalidade da causa e da consequência, é, antes de tudo, a narrativa do espírito humano (VOLTAIRE, 1966), retirada das vicissitudes de um determinado indivíduo no contexto específico da conquista espanhola do Novo Mundo. Assim, nada mais alheio a esse empreendimento do que os retratos morais, com seu heroísmo e ações de exceção. No mais, basta referir que a *Vida de Molière* (1734, publicado em 1739), de Voltaire, é mais uma excelente análise da obra do dramaturgo francês do que uma biografia factual.

Após essa rápida passagem pela trajetória de Alonso Ercilla, Voltaire passa a destacar alguns aspectos literários do gênero épico, cuja estruturação ímpar conformava a genialidade do autor espanhol. A abertura de *La Araucana* impressiona por sua novidade temática. Os heróis desse épico quinhentista são os povos indígenas (os "selvagens") que lutam contra a opressão a que são submetidos pela cobiça dos conquistadores espanhóis (ERCILLA, 1597, fol.7). O que contraria as expectativas do público leitor, pois os protagonistas da matéria heroica sempre foram monopólio das ordens sociais hierarquicamente superiores. Isto, porque os acontecimentos deviam girar em torno da amplificação, em forma narrativa, de virtudes da nobreza. Por isso, Ercilla investe numa longa descrição poética da geografia chilena, em que não faltam lances de exotismo e magnificência da paisagem, e dos modos e costumes dos

povos locais, cujos caracteres eram totalmente desconhecidos pelos europeus (VOLTAIRE, 1819, p.232).

Voltaire, leitor sagaz e prolífico que era, conhecia a *História de los Incas*, do peruano Garcilaso de la Veja (El Inca), que ele aproveitou sobremaneira, em seu *Cândido*, para elaborar imagem do Eldorado (a cidade de ouro está ligada à conquista do Peru), da paisagem natural (desfiladeiros, altas montanhas, rios que escavam os planaltos), da fauna andina (o condor, o guanaco e a lhama, impressionavam pelo exotismo) e dos selvagens habitantes do Paraíso (com sua nudez, práticas canibalescas e armas rudimentares de guerra) (STEWART, 2010, p.170). Essa ambientação inicial rivaliza com a abertura *in media res* (no meio dos acontecimentos), estratégia exordial que era comum nos épicos antigos como forma de captação da benevolência.

De fato, Ercilla dedica grande parte do primeiro Canto à descrição da geografia física do Chile. Nada muito extenso; apenas o suficiente para localizar, delimitar e distinguir o território de Araucania no mapa das Índias espanholas. Porém, a ênfase recai sobre as características do povo e da sociedade dos araucanos. Assim, esta parte do poema de Ercilla exerce o papel de dar a conhecer esse povo singular que habita os confins do mundo, tanto para Felipe II, rei da Espanha e para quem a obra é dedicada, e para os seus potenciais leitores ((ERCILLA, 1597, fol.8). Além disso, essa parte serve também, para usar o vocabulário da retórica, de questão infinita, ou seja, uma prótese argumentativa de aspecto geral, de onde se evidenciam as virtudes e as boas práticas dos araucanos, a partir das quais eles vão se diferenciar, mais adiante na narrativa, dos hábitos viciosos dos espanhóis e da ausência de qualidades morais e guerreiras de outros povos indígenas. (ERCILLA, 1597, fol.23)

Esta descrição do mundo físico está inserida estrategicamente numa concepção religiosa da paisagem natural; muito distante, portanto de qualquer modo de pensar de caráter secular ou mecanicista. Mesmo Descartes e Newton, a quem Voltaire dedicava grande admiração, entendiam os fenômenos naturais como sujeitos a leis físicas, porém a partir de um viés religioso. Assim, em Ercilla, o ponto de vista estava parametrado por uma visão aristotélica e finalista do mundo e de suas criaturas. O que implica um ordenamento racional, inteligível e estável, em que a natureza manifesta traços da divindade em cada um de seus fenômenos. Interessante perceber que, desde o início, a voz épica que organiza todo o poema afirma se fundamentar na experiência testimonial dos eventos. Essa perspectiva verista consegue manter a verossimilhança da narrativa com a participação do narrador nos fatos ou com a menção a testemunhos indiretos.

A épica hispânica tinha tradição no uso de um narrador implicado nos fatos que relata. Basta verificar as estratégias discursivas utilizadas na *Farsália*, de Lucano, que Voltaire também analisa em seu *Ensaio sobre a poesia épica*. Lucano apresenta as qualidades literárias de buscar uma narração mais fiel aos fatos, como se fosse um historiador, e estar próximo temporalmente dos eventos. Ele conseguiu, em muitos aspectos, se igualar a Tito Lívio, Tácito e Salústio, sem cair na tentação de abusar da intervenção das divindades e das manifestações sobrenaturais. Segundo o pensamento de Voltaire, os araucanos se rebelaram contra os espanhóis no momento em que se descobriram vítimas

de um embuste. O motivo da guerra, então, era dar vazão a sua ira perante um ato maquiavélico que se valeu do logro e do engano – a astúcia, a desfaçatez e os truques desonestos da raposa. Para Voltaire, tratava-se de aplicar “uma vingança exemplar, terrível e memorável” (VOLTAIRE, 1819, p.233).

Outro ponto que Voltaire destaca, em relação à originalidade de *La Araucana*, é uma passagem específica do segundo Canto. Aquele longo e interessante episódio que se dedica ao debate entre as várias lideranças da tribo dos araucanos, em que se trata da melhor estratégia para se combater o exército invasor ((ERCILLA, 1597, fol.67). Os versos emulam a disputa verbal entre Aquiles e Agamenon na *Ilíada*, de Homero, que, do mesmo modo como no poema de Ercilla, quase termina em embate físico e mortal entre os contentores. Entretanto, Ercilla demonstra superar Homero ao interpor o discurso de Colocolo, um líder ancião, que, após reconhecer as virtudes de cada um dos chefes das facções tribais, propõe que a disputa se resolva de maneira pacífica. Apertando a verossimilhança e condizente com as práticas inusitadas das nações bárbaras, o velho propõe que cada um sustente um pesado tronco acima da cabeça, deferindo a vitória e, por consequência, a liderança de todas as tropas indígenas, àquele que mais tempo conseguir sustentá-lo.

Nesse sentido, a solução engendrada por Colocolo foi mais efetiva do que aquela proposta pela intervenção de Nestor no embate verbal e agressivo entre o irado Aquiles e o orgulhoso Agamenon. De fato, após Aquiles, inspirado pela sabedoria da deusa Minerva, chamar Agamenon de “cão” e “bêbado” – a ironia de Voltaire é impagável –, Nestor intervém, conclamando a concórdia entre ambos, pois já lutara ao lado de grandes heróis antigos. O discurso teve pouco efeito, servindo apenas para incendiar cada vez mais as animosidades. Para Voltaire, as belas palavras de Nestor foram interpretadas tão somente como autoelogio, isto é, um panegírico de si mesmo ou um vão louvor das próprias virtudes a partir da voz da experiência e da prudência. Esses discursos de aparato, com viés deliberativo (os discursos que aconselham ou desaconselham certas decisões a partir do método indutivo), já informava Aristóteles, são propícios ao contexto das grandes assembleias em praça pública. Do contrário, podem soar como presunção, tagarelice inócua ou grosseria verbal. Por outra, o discurso do cacique indígena foi um panegírico habilidoso, em que sobressaiu o comedimento e a modéstia. O efeito de sentido das palavras do velho conselheiro possui mais força elocutiva se levarmos em conta que os araucanos são uma tribo de “gente libertada”, que “siempre fue esenta, indómata, temida, / de leyes libre y de cerviz erguida” (ERCILLA, 1597, fol.75). Além de Voltaire, Pablo Neruda também chamou a atenção para essas virtudes cívicas na parte em que trata da “educação do cacique”, da seção IV (“Os libertadores”), de seu *Canto General*. De fato, essa parte é uma apropriação poética do canto I.15-22, do épico de Ercilla.

O discurso do ancião indígena também possui pertinência por aquilo que foi narrado anteriormente no épico, cujo protagonista é o chefe tribal Lautaro. Foi ele quem conclamou seus parceiros à luta e advertiu da desonra e da vergonha (não apenas momentânea, mas também aos pósteros) que é fugir do campo de batalha face aos inimigos que vieram trazer jugo e submissão ao povo indígena. Também foi ele quem percebeu que os espanhóis e as suas máquinas demoníacas (os cavalos), longe de constituir forças imbatíveis, eram

vencidos pelo cansaço e pelos reveses da guerra. Após a derrocada de Lautaro, as tropas indígenas se reúnem para deliberar quem será o novo comandante para fazer frente aos espanhóis liderados por Valdívia. Na reunião dos caciques, com excesso de comida e bebida, os ânimos se exaltam, pois cada chefe tribal deseja para si as glórias e a reputação do comando. É neste momento, em que tudo está à beira de uma guerra civil pelo poder, que surge a figura do velho Colocolo, cuja intervenção Voltaire destaca com pertinência. As sábias palavras de Colocolo conseguem apaziguar as dissensões, pois cada um ali presente é igual em força, virtude, riqueza e linhagem. A solução é particularmente engenhosa: vencerá a disputa aquele que conseguir, por mais tempo, "quien más un gran madero / sustentare en el ombro sin pararse / y pues que sois iguales en la suerte / procure cada cual de ser más fuerte" ((ERCILLA, 1597, fol.80). O desafio será vencido por Caupolicán que vai se tornar, então, o herói da segunda e da terceira partes do épico de Ercilla.

Essa dimensão humana e prudencial, resultado do trabalho educativo e do esforço pessoal, é justamente aquilo que subjaz à fala do velho cacique e que Voltaire haveria de aproveitar em sua *Henriáda*. O heroísmo, conquanto seja aspecto central dos protagonistas no gênero épico, depende necessariamente de uma penosa construção pessoal, que se distancia das bênçãos divinas ou de forças do acaso que conspiram para se cumprir um destino sobrenatural. O herói é aquele que consegue potencializar individualmente, a partir de uma situação extrema, certos valores éticos, cujo fundamento já está presente na cultura coletiva.

O que subjaz a este discurso do cacique Colocolo é que a conquista do Chile e por extensão da América espanhola, deu-se a partir de fortes embates com as populações indígenas. Ercilla caracteriza os personagens indígenas a partir de modelos cavaleirescos do século XVI, pois as referências culturais dos leitores desse período estavam postas nos personagens heroicos dos romances de cavalaria e de outros textos de matrizes apologéticas acerca da nobreza espanhola. Isto significa que o indígena de Ercilla pouco tem a ver com a realidade concreta dos nativos americanos, porém esse processo de idealização, com a devida aproximação de modelos da cultura europeia renascentista, exerce a função de um filtro que separa aquilo que não pode ser assimilado pelo discurso narrativo de conquista, ao mesmo tempo é também a "reivindicación de la humanidad del hombre americano" (PASTOR, 1983, p.503). É justamente por isso que o cacique Colocolo é apresentado como homem sábio e prudente. Voltaire, em sua hermenêutica do épico espanhol, afirma que os discursos do cacique são superiores àqueles da *Ilíada*. Nesse sentido, Ercilla havia emulado, com satisfatório sucesso, as principais obras do gênero épico. Trata-se de um enorme ganho do ponto de vista discursivo, pois, ao superar o modelo, Ercilla estava imprimindo a sua marca de "autor" no cânone do gênero.

À época em que Voltaire escrevia, os supostos defeitos de Homero eram tema corrente do debate na *Deuxième Querelle* dos antigos e modernos, mais conhecido por *Querelle sùr Homère*. Após a disputa entre o moderno Perrault e o neoclassista Boileau-Despreux na Academia francesa em 1688, seguiu-se a publicação do *Discours sùr Homère*, de Houdart de La Motte, que apontava e corrigia os erros cometidos pelo épico grego. O que rivalizava com o *Preface to*

The Iliad of Homer (1715-1720), de Alexander Pope e sua tradução da *Ilíada*, e as considerações a favor de Homero de Mme de Dacier.

Conforme a crítica contemporânea, a voz poética deste épico de Ercilla se destaca por alternar, de modo muito habilidoso, os usos da linguagem em três registros diversos, porém complementares e mutuamente dependentes: os recursos retóricos agenciados pelo poeta, que assume a forma de narrador e organizador de outras narrativas episódicas; os cuidados e escrúpulos de historiador, assumindo um olhar distanciado e impessoal daquilo que narra, com o papel de cronista de fatos e eventos; e aquele que emite reflexões e juízos de caráter moral, em particular, ao elogiar ou criticar certas práticas realizadas pelos personagens. De fato, assim pensando, há uma tensão entre o mimetismo de uma poética que se constroi pelo estabelecimento da verossimilhança ficcional e os dados reais, concretos e fidedignos que desejam passar por verdade documental e testemunhal de caráter historiográfico (aquela parte do poema que o próprio Ercilla afirma ter visto e vivido). E isto é particularmente visível na voz poética de Ercilla que assume vários papéis de um "eu épico", que se apresenta como a *persona* responsável por toda a narrativa ou como mais um dos vários personagens em diferentes caracterizações (testemunha, protagonista ou personagem secundário) (MARAVALL, 1998; MARAVALL, 1984).

De qualquer maneira, o que fica particularmente claro é a centralidade que possuem as tarefas de aedo, à semelhança de Homero na *Ilíada*, pois possui um grande espectro de liberdade na constituição do enredo, movendo-se entre a fantasia, a história, e o moralismo. Além disso, consegue selecionar o que é essencial no mundo das ações e dos valores humanos com vistas a traduzir os eventos particulares em enunciados e lições universais. Importante perceber que, no horizonte de expectativas de Ercilla, estão as inúmeras crônicas espanholas que tratavam das novas terras e povos descobertos. Aqui, pode-se elencar os relatos de viagem, as "cartas de relación", a história trágico-marítima e as crônicas imperiais referentes às Índias. Quanto a este aspecto, vale esclarecer que os narradores deste tipo de gênero discursivo tinham por objetivo aproximar a verdade factual daquele conceito de história, reposta da Antiguidade clássica, entendida como narração de feitos dignos de memória e de seus respectivos grandes heróis (YNDURAIN, 1994, p.98).

Assim, os efeitos de sentido se movem a partir da exemplaridade dos enunciados que informam não se tratar de simples narração impessoal e descompromissada, porém de uma estratégica atualização de uma normatividade, cujo fundamento se assenta no princípio hierárquico da sociedade de ordens. Vale dizer, todos os procedimentos linguísticos referem-se à teoria dos serviços ou das ações prestadas a contento por um súdito em relação a um senhor. Seu agenciamento só pode ser devidamente medido pela lógica institucional dos benefícios e privilégios, ou pelos protestos face a um injusto desfavor ou ainda pela falta de recompensa aos merecimentos. Este dispositivo foi amplamente utilizado por Luís de Camões em *Os Lusíadas*. Neste épico português, a voz camoniana aparece em vários momentos da narrativa, admoestando a nobreza por não dedicar seu tempo às letras, nem proteger os poetas. Além disso, em outras situações, Camões lamenta que a voz dos heróis

antigos e que fizeram a glória de Portugal, não mais se escute nem seja apreciada por conta da "gente rude e endurecida" (canto X, est. 145).

Porém, no âmbito da arquitetura discursiva de *La Araucana* que se enlaça por essas diferentes vozes narrativas, Ercilla se torna o protagonista de acontecimentos cortesãos e também de eventos prodigiosos e sobrenaturais muito mais do que o súdito fiel que reclama por recompensa por seus serviços. Assim, o autor de ficção literária que cria as fábulas e episódios se torna maior em relação ao cronista. Isto porque o tempo da memória que deve ser imortalizado se coaduna com o tempo imaginativo da ficção. Como diz Carlos Albarracín-Sarmiento:

Con todo, debo reconocer que la ocasión de representarse a sí mismo como cronista de 'lo visto y de lo oído', por lo que esta imagen tiene de común con el modelo renacentista de 'las armas y las letras', debió tentar a Ercilla (y confundir en adelante a historiadores y críticos literarios). (ALBARRACÍN-SARMIENTO, 1974, p.19)

De qualquer forma, a estratégia de Ercilla para a elaboração de seu poema épico, conforme salienta Voltaire, mostrou-se extremamente inovadora para o desenvolvimento do gênero. Em verdade, o uso de diferentes registros para o "eu épico" e a mistura entre crônica histórica e narração subjetiva causou enorme estranheza entre os críticos literários. Como se sabe, conquanto o cânone de autores e de suas respectivas obras, que constituíam as matrizes discursivas do gênero épico, tenha se acostumado a presenciar vários momentos de emulação em relação a seus traços fundamentais (aqueles que estabilizavam o gênero), o poema *La Araucana*, de Alonso de Ercilla, fazia com que o gênero fosse levado ao seu limite estrutural.

Tratava-se, entretanto, de um movimento mais extenso de apropriação da cultura literária da Antiguidade clássica, com a devida ambientação à sociedade espanhola, cuja clivagem se dava por meio de valores aristocráticos e nobiliárquicos. E foi justamente a partir do *topos* das armas e letras que Garcilaso de la Vega havia empreendido a emulação da epístola em verso da tradição clássica. O poeta romano Horácio havia estabelecido as matrizes literárias do gênero a partir da constituição de dois argumentos centrais: a caracterização de um *ethos* prudencial, e o elogio da vida campestre e respectiva admoestação da vida na cidade, com a celebração da vida em ócio. (SHIBATA, 2013)

A partir dessa matriz constitutiva básica, Garcilasso havia proposto uma saudável alternância entre a vida ativa (os compromissos negociais e assuntos públicos) e a vida contemplativa (a dedicação ao cultivo das virtudes e ao robustecimento do espírito). Assim procedendo, Garcilaso de la Vega dizia lapidarmente, que "las letras no embotan el hilo de la espada". Esta solução foi amplamente criticada por vários escritores, dentre eles, os mais aguerridos foram Juan Rodríguez del Padrón e Cristóbal de Villalón ((VILLALÓN, 1997, p.10s). O argumento central era que a vida contemplativa era superior à vida ativa, mesmo porque a participação humana no Ser de Deus acontecia por meio do espírito e não pelas vicissitudes do corpo ou pelo acúmulo de riquezas. O modelo ainda era a do cavaleiro clérigo ou, pelo menos, as suas variações

temáticas e formais. Por isso, temos neste período o sucesso editorial das novelas de cavalaria, como aquelas do ciclo arturiano e da demanda do Santo Graal, em particular, aquelas em que comparecem, em particular, Galaaz ou Perceval; das várias continuações de *Amadis de Gaula*; e do monumental (hoje muito pouco lido) *Tirant lo Blanc*. (SHIBATA, 2013)

De qualquer forma, restava claro que as armas da cavalaria deveriam estar a serviço de uma existência espiritual. O que, em substância, quadrava perfeitamente com os argumentos horacianos do elogio da vida campestre e do cultivo dos bens espirituais. No entanto, por outro lado, Juan de Boscán, em sua tradução do famoso *O Cortesão*, de Baldassare Castiglione, afirmava que os tratos com os negócios do Estado e a sociabilidade participativa no ambiente de Corte podiam perfeitamente angariar dividendos para a salvação da alma e para o aprimoramento da vida espiritual. Boscán, seguindo a *Política* de Aristóteles, acreditava que a vida em sociedade era natural aos seres humanos e que, portanto, a Corte, com legítima expressão de uma existência comunitária, constituía-se em elemento relevante para o fortalecimento do Estado, entendido como um aglomerado de grupos sociais e de diferentes formas de organização entre os cidadãos. (SHIBATA, 2013)

Nesse sentido, “la derecha via” de que nos fala Ercilla ao longo de seu poema são os valores heroicos e cavaleirescos que, com forte acento nos feitos de armas (“hechos hazañosos”) e no princípio cristão da caridade (“la fe jurada”), justificavam a conquista espanhola do Novo Mundo, com o objetivo de cristianizar os povos pagãos e aumentar a glória da Coroa espanhola. Por outra, a crítica se refere àqueles que, movidos pela ambição e cobiça, buscavam enriquecer a qualquer preço (ERCILLA, 1597, fol.126). É justamente por isso que a narrativa épica sofre uma mudança de seu sentido. Os assentamentos espanhóis e o processo de colonização deram-se não por motivos honrados e cristãos, mas por meios moralmente questionáveis: o engano e o uso excessivo da violência militar. Se a mentira e a força das armas – a astúcia da raposa e ferocidade do leão, para usar um vocabulário maquiavélico – foram os instrumentos ilegítimos do exercício do senhorio pelos colonos espanhóis, coube então ao indígena assumir as virtudes heroicas e exercer o seu direito legítimo de resistência contra um poder tirânico. O combate do povo local se fazia em nome da reposição da hierarquia e das instituições; de certo, aquelas legitimadas pela Coroa espanhola. Entre os objetivos do soldado Ercilla ao embarcar para o Novo Mundo, era justamente combater a rebelião dos colonos que descumpriam a legislação imposta pelas autoridades do outro lado do Atlântico. A servidão dos índios e a exploração desmesurada dos recursos naturais destinavam-se tão somente ao enriquecimento individual e satisfação do vício da cobiça.

No interior desse contexto histórico, havia outro debate de importante envergadura, pois tratava do manejo adequado dos povos indígenas. O frei dominicano Antonio Montesinos, num famoso sermão pregado em 1511, afirmava enfaticamente que não existia qualquer fundamento para a escravização dos índios e que eles possuíam uma alma racional e, portanto, eram sujeitos de direito, assim como qualquer súdito do rei de Espanha. Estes argumentos serviram perfeitamente para a defesa algo apaixonada de

Bartolomé de las Casas em sua diatribe radical pela liberdade dos índios. (LAS CASAS, 1965, v.2, p.441-442; HANKE, 1967).

Para finalizar, o interesse literário por esse épico começa a renascer contemporaneamente. O escritor Pablo Neruda votava enorme admiração a este texto de Alonso de Ercilla, considerado como "certidão de nascimento" da literatura e da historiografia no Chile. Tanto foi assim que dedicou um capítulo inteiro de seu *Canto General*, ao escritor espanhol, com um resumo em verso que enfatiza as virtudes dos indígenas araucanos (NERUDA, 1997). E, no romance *Inés del alma mía*, de Isabel Allende, a punição trágica do colonizador ambicioso, morrendo com ouro derretido sendo despejado em sua boca e, depois, esquartejado em fatias, assado e devorado num ritual de antropofagia, é inspirada na narrativa de Ercilla. (ALLENDE, 2015)

Referências bibliográficas

ALBARRACÍN-SARMIENTO, Carlos. Arquitectura del narrador en La Araucana. In: *Studia Hispanica in Honorem a Rafael Lapesa*. v.II. Madrid: Gredos, 1974, p.7-19.

ALLENDE, Isabel. *Inés del alma mía*. Madrid: Debolsillo, 2015.

BRANDÃO, Rodrigo. Voltaire sobre Shakespeare e Newton ou o gênio e o gosto nas artes e nas ciências. *revista Discurso*, n. 44, São Paulo, 2014, p. 161 -188.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Real Academia Española, 2004.

ECHEVERRÍA, Evelio. Influencia de Ercilla en "La Numancia", de Cervantes. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 430, abril 1986.

ERCILLA, D. Alonso de. *La Araucana*. Primera, Segunda, y Tercera Partes de la Araucana, En Anvers, En casa de Pedro Bellero, 1597.

HANKE, Lewis. *La lucha por la justicia en la conquista española de América*. Madrid: Aguilar, 1967.

LAS CASAS, Bartolomé. *Historia Natural y Social de las Indias*. 2v. México: FCE, 1965.

MARAVALL, José Antonio. *Antiguos y Modernos*. Visión de la historia y idea del progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza, 1998.

_____. *Estudios de Historia del Pensamiento Español*. Madrid: Cultura Hispanica, 1984.

NERUDA, Pablo. Ercilla. In: _____. *Canto General*. Barcelona: Seix Barral, 1997.

PASTOR, Beatriz. *Discurso narrativo de la conquista de América*. La Habana: Casa de las Américas, 1983.

SHIBATA, Ricardo Hiroyuki. A dignidade do homem e a eloquência no humanismo hispânico do século XVI. *HISPANISTA* – Vol XII nº 55 – Octubre – Noviembre – Diciembre de 2013.

STEWART, Philip. Candide. In: CRONK, Nicolas (ed.). *Compêndio da Cambridge sobre Voltaire*. São Paulo: Madras, 2010.

VILLALÓN, Cristóbal. *El Scholástico*. Edición de José Miguel Martínez Torrejón. Barcelona: Crítica, 1997.

VOLTAIRE. Essai sur la poésie épique. In: _____. *La Henriade, poème par Voltaire, suivi d'essai sur la poésie épique*. Lyon: Rolland, 1819.

_____. *Le Siècle de Louis XIV*. Paris, Garnier-Flammarion, 1966.

_____. Cartas Inglesas. In: _____. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Questions sur l'Encyclopédie par des amateurs*. Oxford: Voltaire Foundation, 2012.

YNDURAIN, Domingo. *Humanismo y Renacimiento en España*. Madrid: Cátedra, 1994.